



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Freire Rodrigues, Francisco Xavier

Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte

Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 1, janeiro-junho, 2005, pp. 111-125

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70380107>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte

FRANCISCO XAVIER FREIRE RODRIGUES*

Resumo: O artigo descreve, define e aponta algumas possibilidades analíticas da teoria sociológica do campo esportivo fundada na sociologia de Bourdieu. Expõe o esquema explicativo da teoria do campo esportivo, propondo temas e possibilidades de sua utilização nas investigações das práticas esportivas. O esquema analítico de Bourdieu divide-se em funcional e estrutural. Em ambos, podem-se analisar as práticas e modalidades esportivas como campos especiais, relativamente autônomos dos campos econômico, político, religioso e social. A sociologia de Bourdieu identifica relações e associações entre o espaço social e o espaço do esporte, aponta possíveis homologias entre as posições ocupadas por determinados atores sociais em ambos os espaços, mesmo sem determinismo estrutural. A proposta analítica de Bourdieu para o esporte é um convite para pensar e investigar, de modo crítico, a economia, o Estado, a política e suas relações com o esporte, a cultura e a vida cotidiana.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; sociologia do esporte; campo, habitus.

1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever, definir e apontar algumas possibilidades analíticas de um dos principais paradigmas na sociologia do esporte: a teoria de campo esportivo fundada na sociologia de Pierre Bourdieu. O trabalho expõe o esquema explicativo da teoria do campo esportivo, propondo temas e possibilidades de sua utilização nas investigações das práticas e modalidades esportivas.

Nossa pretensão é descrever inicialmente o esquema analítico de Bourdieu e depois mostrar como é possível utilizar o referencial teórico desse sociólogo nas investigações do fenômeno esportivo. Busca-se mostrar como utilizamos os conceitos de campo e habitus na

análise de situações concretas no universo do futebol brasileiro.

Algumas leituras na sociologia do esporte mostram-nos que o desenvolvimento dessa área do conhecimento na França teve como base de sustentação duas tradições teóricas: a primeira, baseada no trabalho de Pierre Bourdieu, pode ser denominada de *sporting field theory*, a teoria do campo esportivo (Clément, 1995). A segunda tradição, “desenvolvida por Jean-Marie Brohm, é frequentemente rotulada de teoria neomarxista, mas é denominada mais precisamente como uma teoria crítica de esporte” (Vaugrand, 2001, p. 183).

O texto divide-se em quatro partes. A primeira parte consiste em uma breve introdução. A segunda apresenta o esquema analítico (funcional e estrutural) de Bourdieu. A terceira parte constitui uma tentativa de operacionalização dos conceitos de campo e habitus na análise de

* Professor do Departamento de Sociologia da UCS. Mestre e doutorando em Sociologia pela UFRGS.

questões empíricas do futebol, procurando mostrar as possibilidades de aplicação de conceitos na construção de uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. A quarta e última parte apresenta algumas considerações finais.

2 O esquema analítico de Pierre Bourdieu

A proposta sociológica de Pierre Bourdieu (1998; 1995) permite-nos pensar a produção do corpo com base na história incorporada pelas disposições. A categoria *habitus* é capital nesse empreendimento, pois nos possibilita entender a corporificação da história, ou seja, a internalização desta nos corpos dos indivíduos. Utilizando-se da categoria *habitus*, Bourdieu (1998; 1996) trata do papel do corpo no processo de socialização do sujeito, preocupado em entender como as estruturas sociais, dentro de determinadas condições sociais e históricas específicas, moldam o corpo do indivíduo, inscrevendo-lhes valores, significados e regras de conduta.

Bourdieu (1998) considera que a dimensão cultural tem um importante papel na produção e manutenção de uma estrutura social dividida em classes superiores e inferiores. Daí ser importante entender eventuais relações entre os temas da cultura, da dominação e da desigualdade na sociedade capitalista. Na análise de Bourdieu (1998) acerca da dominação (esta como imposição de uma ordem simbólica dominante), a relação entre a estrutura social e a posição ocupada pelos atores sociais no sistema social ganha um destaque especial. Os dominados são aqueles que têm vozes silenciadas e, às vezes, nem têm condições de participar ativamente da produção simbólica, pois são moldados pelas estruturas e valores dominantes.

Para Bourdieu,

Os que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posições dominadas no campo de produção simbólica e não se vê de onde lhes poderiam vir os instrumentos de produção simbólica de que necessitam para exprimirem o seu próprio ponto de vista sobre o social. (Bourdieu, 1998, p. 152)

O esporte ocupa um importante lugar na sociedade moderna, seja na estruturação dos espaços e posições sociais, seja na construção

dos corpos. Nesse sentido, o fenômeno esportivo também é um vetor que nos permite perceber e analisar a formação do *habitus*. O esporte pode ser entendido como um campo específico da vida moderna. Trata-se de um espaço social relativamente autônomo, com regras de funcionamento, tendo atores sociais interessados em definir essas regras e os valores dominantes.

Mesmo sendo utilizada para orientar pesquisas sobre o esporte, é válido ressaltar que os jogos e as modalidades esportivas ocupam um pequeno espaço na teoria sociológica de Bourdieu. Pode-se até mesmo afirmar que o esporte é apenas um subcampo na teoria sociológica desse importante sociólogo francês. O esporte aparece na obra de Bourdieu talvez muito mais pelo fato de que a teoria do campo permite pensar o esporte como uma área relativamente autônoma, dotada de regras e atores sociais com interesses em disputar poder. Conforme Vaugrand (2001, p. 184): "This, of course, is because of the theory of *habitus*, which gives a great importance to human bodies, even if sport is only a subfield in Bourdieu's theory".

A proposta analítica de Bourdieu para as práticas esportivas pode ser dividida em dois esquemas diferentes: (1) o esquema funcional e (2) o esquema estrutural. Caracterizaremos a seguir cada um desses esquemas.

2.1 Esquema funcional

As proposições de Bourdieu (1983; 1988; 1993; 1994; 1995; 1998) sobre as atividades desportivas, assim como as referentes a outros campos de relação e fenômenos sociais, são situadas dentro de um esquema estrutural-funcionalista. A cultura, em particular, tem uma função importante. A cultura tende a funcionar no sentido de preservar e reproduzir uma ordem social existente por meio da conservação e manutenção das posições e divisões no espaço social e, mais particularmente, ela abriga posições dominantes. Mesmo sendo um fenômeno que pertence também à esfera cultural, o esporte não necessariamente tem a função de preservar e reproduzir uma determinada ordem social. O esporte não aparece no pensamento de Bourdieu claramente como um vetor domi-

nado e de dominação. Diferentemente de instituições como a escola, a universidade e a arte, que são envolvidas objetivamente e subjetivamente nas relações de dominação de indivíduos dominantes sobre os subordinados (Berthelot, 1996, p. 207).

Uma interpretação do fenômeno esportivo como esfera de alienação e elemento utilizado na produção e reprodução dos valores capitalistas pode ser encontrada em alguns autores marxistas, tais como Adorno (1973), Vinnai (1978), Brohm (1982, 1972) e outros. A crítica frankfurtiana ao esporte considera-o o ópio do povo, um instrumento utilizado pelas classes dominantes para preservar a estrutura de organização da produção e da sociedade capitalista. O esporte teria o papel de coisificar e alienar o homem. Tal perspectiva distancia-se da abordagem de Bourdieu.

Bourdieu (1996) considera que as práticas sociais empreendem algumas transformações sistêmicas que são criadas por meio de novas atividades que emergem do declínio de determinadas atividades existentes. Tais transformações, se elas modificam o espaço das práticas (no caso as práticas do campo esportivo), não necessariamente modificam o espaço social homólogo ao que é reproduzido. Na verdade, a reflexão de Bourdieu tende a oscilar entre forma e função do esporte: destaca a forma para os dominantes e a função para os dominados.

Para determinados grupos sociais, esporte (praticado ou não, apreciado ou não) é uma figura, um prazer, uma questão, um meio e assim por diante. As práticas esportivas têm funções, formas e valores diferentes para os indivíduos, isso muitas vezes em consonância com a classe social a qual pertence o indivíduo. Descobrir as funções e os valores do esporte para seus praticantes é um empreendimento sociológico interessante. Nesse sentido, cabe ao investigador social identificar e explicar as propriedades sociais importantes que são responsáveis por uma certa prática esportiva e os gostos e preferências de uma determinada categoria social. Aqui reside uma tarefa dos sociólogos do esporte. Conforme as palavras de Bourdieu (1988, p. 154): "O trabalho do sociólogo consiste em identificar as propriedades socialmente pertinentes que criam uma afinidade entre um

determinado esporte e os interesses, os gostos, e as preferências de uma categoria social definida".

As posições sociais dos atores no sistema social podem ser percebidas por suas noções sobre o corpo. Os gostos, as preferências e os interesses por um determinado padrão comportamental obedecem a determinadas classificações predominantes em cada classe social. Com isso, pode-se dizer que as preferências pelas práticas esportivas são relacionadas às posições sociais ocupadas pelos indivíduos em cada sociedade.

2.2 Esquema estrutural

Bourdieu (1995) lembra-nos de que, para entender o esporte moderno, é necessário estudar separadamente algumas modalidades esportivas a fim de melhor conhecer a posição ocupada por elas (no campo esportivo) no espaço dos esportes e a distribuição dos praticantes tendo em conta a sua posição social.

É importante verificar também que existem diferenças na demanda por práticas esportivas entre as diferentes classes sociais. Geralmente, as classes sociais mais abastadas preferem os esportes individuais, nos quais a figura do sujeito pode ser mais destacada (o golfe, o tênis). Os indivíduos de classe sociais superiores econômica e culturalmente tendem a praticar esportes que não demandam grandes sacrifícios corporais. Já as classes populares preferem as modalidades esportivas coletivas e que demandam uma maior quota de sacrifício corporal. Nesses casos, o futebol é um exemplo clássico (Bourdieu, 1995; Boltanski, 1987). A diferença central da prática esportiva de uma e/ou de outra classe social são as diferentes percepções e entendimentos em relação ao esporte e também do acesso que as pessoas têm ao esporte.

Bracht (1997), analisando a instituição esportiva com base no esquema teórico de Bourdieu, defende que o esporte amador é reservado à elite e o esporte-espetáculo produzido por profissionais para a massa de espectadores, a um fim capitalista para as classes altas lucrarem com o interesse do povo em assistir a esses espetáculos esportivos. Tal concepção sugere que existe uma determinada classe social,

a burguesa, que tem preocupações estéticas associadas à prática esportiva, isso na busca da construção e conservação de um corpo considerado socialmente “bonito” (sadio e musculoso), e que existe uma outra classe social, a denominada classe popular, que tem na prática esportiva a tentativa de obtenção de uma compensação psíquica ou um mecanismo de ascensão social por meio da profissionalização no esporte.

Bourdieu sugere a seguinte hipótese geral: há uma homologia entre o espaço social e o espaço das práticas esportivas. Com isso, o autor advoga que existem relações entre as posições ocupadas pelos indivíduos no espaço social e a preferência por determinadas práticas esportivas. Vejam as palavras de Bourdieu:

A correspondência, que é uma verdadeira homologia, é estabelecida entre o espaço das práticas esportivas, ou, mais precisamente, o espaço das modalidades diferentes finamente analisadas da prática de jogo esportivos diferentes, e o espaço de posições sociais. Está na relação entre estes dois espaços que as propriedades pertinentes de cada prática esportiva estão definidas. (Bourdieu, 1988, p. 154)

Na verdade, essa hipótese sugere que há correspondência entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais, sendo a relação entre esses espaços que define as propriedades de cada prática esportiva.

Bourdieu ainda apresenta outra hipótese:

Práticas esportivas [...] podem ser descritas como o resultado da relação entre uma oferta e uma demanda, ou, mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos em um determinado momento e o espaço de disposições (associado com a posição ocupada no espaço social) e que se expressa provavelmente em outro consumo em conexão com outra demanda espacial. (Bourdieu, 1988, p. 155)

As práticas esportivas seriam o resultado da relação entre oferta e procura, ou seja, produto da relação entre o espaço dos produtos oferecidos (em um determinado momento) e o espaço das disposições (associado com a posição ocupada no espaço social).

Na hipótese de Bourdieu (1988), que liga espaço esportivo e espaço social, há outros dois espaços em uma relação praticamente homóloga, sendo as atividades esportivas, de um lado (demanda), e os programas esportivos (oferta), por outro lado. De acordo com essa hipótese, é necessário considerar que

[...] brings two other spaces into a homologous relation — the sport activities on the one hand (demand), and the sporting programmes on the other (supply). The possible limit is in the number of items, especially in the number of pairs of opposing items (the finite number of which limit an investigation). Replicating the work of Jean-Paul Clément, Bourdieu (1988) demonstrated that the internal contrasts in sporting activities such as judo, wrestling and aikido can be associated with significant characteristics in a number of particular positions in social space. In fighting sports, the contrast between ‘body-to-body’ and ‘virility’ on the one hand, and ‘distanced’ and ‘light’ on the other (1988: 154), shows a connection with the body which stems from important economic and cultural capitals and tends to link practices to particular dominant relations in the world which establish an important protective distance (for example, use of the sabre prevents hand-to-hand fighting), and a reduction in violence (which, for example, ensures possible practice of aikido at an older age, with a reduced possibility of trauma). (Vaugrand, 2001, p. 187)

Percebe-se que Bourdieu (1988) procurou explicitar que alguns contrastes internos em determinadas práticas esportivas (tomando como exemplos judô, lutas e aikido) podem ser relacionados com características importantes em diversas posições específicas no espaço social.

3 Campo esportivo e habitus:
operacionalizando a teoria de Bourdieu

3.1 O futebol e a teoria dos campos

Tendo em mente o esquema analítico apresentado anteriormente, pode-se dizer que Pierre Bourdieu fornece-nos elementos para pensar o esporte moderno (o futebol) como uma esfera específica da vida social. Seus conceitos

mais adequados para tal empreendimento são os de campo, *habitus* e capital.

A teoria dos campos (Bourdieu, 1983, 1993, 1994, 1995, 1996, 1998, 1999) auxilia-nos na investigação do esporte moderno como campo especializado da sociedade contemporânea. Campo no sentido de um espaço de diferenciação social, que funciona de acordo com regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa diante da política, da economia e da religião. No campo existem atores sociais estratégicos preocupados em maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais. Existem disputas por poderes simbólicos e materiais.

No campo esportivo, ocorrem lutas de diferentes modalidades. Algumas lutas giram em torno da definição e do uso legítimos do corpo, lutas estas que podem ser traduzidas nas disputas entre esporte amador versus esporte profissional; esporte coletivo versus esporte individual, esporte de elite versus esporte de massa. O advento do esporte profissional implicou mudanças na forma e no significado social dos esportes. (Rodrigues, 2003a, p. 63)

Podemos analisar as lutas e disputas pela autoridade de definição legítima no futebol utilizando a teoria dos campos. Por exemplo, a abordagem sociológica das disputas pela profissionalização no futebol brasileiro (nas primeiras décadas do século XX), tendo, de um lado, a elite aristocrática defensora do regime amador (o futebol como símbolo de distinção social, esporte utilizado como lazer e mecanismo de construção do caráter da juventude) e, de outro lado, segmentos da classe operária que reivindicavam a implementação do regime profissional (o futebol como trabalho, uma profissão e, conseqüentemente, um esporte democrático, aberto à participação de diversas classes sociais). A oposição entre futebol profissional e futebol amador caracterizou o cenário futebolístico brasileiro de 1900 a 1933, quando a profissionalização foi finalmente institucionalizada. Segundo Caldas (1990, p. 55-124), tal oposição representou disputas sociais e culturais entre duas classes sociais: a elite, defensora do futebol amador (esporte elitizado) como um esporte-lazer, e a classe proletária, os

jogadores-operários e os negros da classe operária defendendo a regulamentação da profissão de jogador de futebol e, conseqüentemente, o fim do semiprofissionalismo ou profissionalismo marrom (1923-1933) (Caldas, 1990, p. 85). É para investigar essas disputas que utilizaremos o conceito de campo de Bourdieu, entendendo cada classe como atores sociais dotados de disposições e posições que tentam impor suas visões sobre o futebol, concretizando seus projetos e interesses específicos (Rodrigues, 2003a, p. 64).

Uma outra questão relevante na temática futebolística que pode ser discutida à luz da teoria dos campos é exatamente a luta pela definição legítima de um estilo de organizar e jogar futebol no Brasil que se estabelece a partir da Copa de 1974. Antes de prosseguir, é necessário frisar que, na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra, o paradigma dominante no futebol brasileiro (tanto no que tange ao pensamento como a prática), o futebol-arte, entra em crise, pois o futebol-força europeu venceu a arte brasileira. A seleção brasileira fez uma péssima campanha naquela Copa, colocando em discussão a validade e a eficácia do futebol-arte, ou seja, do já consagrado estilo brasileiro de jogar futebol, que havia vencido as Copas de 1958 e 1962. Na Copa de 1970, o Brasil apresentou um belo e eficiente futebol, fortalecendo novamente o futebol-arte como estilo de jogo representante da identidade nacional. No entanto, em 1974, a seleção brasileira novamente revela o anacronismo do futebol-arte, pois este foi derrotado pelo futebol-força. Com isso, as questões em torno da definição de um estilo de jogo para o Brasil voltam à tona.

As disputas giravam em torno do antagonismo futebol-arte versus futebol-força. A questão era impor o estilo de jogo considerado legítimo e mais adequado ao Brasil. A grande questão era: a seleção brasileira deveria jogar um futebol moderno (aplicação tática, muita preparação física, com uma equipe defensiva) ou jogar o futebol romântico (a arte brasileira em campo, habilidade, magia, individualidade, futebol ofensivo)? O futebol brasileiro precisava inserir-se na modernidade, no futebol competitivo, marcado pelo rigor nos esquemas táticos

e na preparação física. Parecia que o nosso futebol-arte estava ultrapassado diante da eficiência física e tática do futebol-força. Este consistia em dotar os atletas de elevado preparo físico, sem cansaço, para ocupar o campo e anular o estilo sul-americano de jogar futebol. O futebol moderno é feito de força, velocidade e resistência. Segundo Gil (1994, p. 107), a partir de 1978 duas correntes de pensamento confrontaram-se no campo futebolístico brasileiro: (a) uma de orientação esquerdista, apoiada por João Saldanha, Nelson Rodrigues, torcedores e outros adeptos do futebol romântico, que desejava o retorno do futebol-arte na seleção brasileira (futebol alegre, de dribles, improviso, malandragem, magia) e criticava a imitação de modelos e esquemas europeus de jogar futebol (o futebol-força); (b) e outra que defendia nossa integração ao futebol-força, uma forma de modernização do futebol brasileiro e sua inserção da elite do futebol mundial, por meio da adoção de um estilo racional, pragmático, competitivo. Nessa corrente, encontram-se técnicos estudiosos do futebol europeu, como Admildo Chirol, Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, defensores da importação de modelos/estilos europeus. Na verdade, o debate acima mencionado pode ser pensado com base na velha oposição entre tradição e modernidade, sendo o futebol-arte um aspecto tradicional e o futebol-força um elemento da modernidade.

O conceito de campo permite-nos ainda investigar a superação do associacionismo como forma de organização dos clubes e o advento do futebol-empresa. A Lei Zico (Lei nº 8.672/93) estabeleceu a obrigatoriedade de os clubes transformarem-se em empresas, mas alguns dirigentes esportivos, como Eurico Miranda, Fábio Koff, entre outros, posicionaram-se contra, pois defendiam a manutenção do regime de organização dos clubes de futebol como entidades futebolísticas não-comerciais, associações esportivas e/ou filantrópicas, livres de fiscalizações do governo. Na verdade, dois atores enfrentavam-se e enfrentam-se: governo (por meio do Ministério dos Esportes, defensor do fim da filantropia no futebol brasileiro, sob o argumento de que o incentivo estatal e as isenções fiscais seriam anacronismos, pois o futebol é um produto da indústria cultural de

entretenimento que deve ser regulado pelas leis do mercado. O ministério decretou um sistema rigoroso de fiscalização e prestação de contas por parte dos clubes) e os clubes (interessados em manter o sistema anterior, clubes como associações sem fins lucrativos) (Rodrigues, 2003b; Proni, 2000).

A profissionalização do jogador de futebol é um processo de racionalização, diferenciação social e consolidação de um campo de trabalho específico e relativamente autônomo. A análise do processo de emergência e consolidação do futebol como um campo específico no esporte brasileiro pode ser um belo exercício de operacionalização do conceito de campo. As lutas que possibilitaram o advento do futebol profissional no Brasil nas primeiras décadas do século XX são elementos da autonomização do campo futebolístico brasileiro (1894-1933). A constituição de um mercado de trabalho no futebol brasileiro consolida-se somente na década de 1930, quando a profissionalização é institucionalizada. É nesse momento que surge um mercado produtor e consumidor de futebol organizado. Assim, a autonomia, a racionalização e a especialização do campo futebolístico resultam de um conjunto de conflitos entre duas ideologias: a do amadorismo e a do profissionalismo. A primeira era defendida pela elite, a qual tinha no futebol apenas um tipo de lazer. A elite praticava o futebol “puro”, símbolo de distinção social, um passatempo, um tipo de lazer, sem preocupações materiais (no futebol amador nos anos 20 vencer uma partida não significava lucros, atração de patrocínios e investimentos, nem os praticantes do futebol eram remunerados para jogar). O futebol amador seria desvinculado de interesses econômicos. Trata-se de um dos pólos que marcaram o debate na sociologia do esporte entre “esporte de alto rendimento” e “esporte lazer”, entre jogo e esporte.

A segunda ideologia era defendida pelos jogadores-operários, pressionando pela profissionalização. Os jogadores de futebol eram trabalhadores, exerciam outras atividades além do futebol, pois não eram profissionais. Aqui vale lembrar dois exemplos clássicos de jogador-operário: Garrincha e Tesourinha. O primeiro começou sua carreira futebolística no Sport Club Pau Grande em 1949, time organizado pelos

operários da tecelagem Cia. América Fabril de Pau Grande no Rio de Janeiro (Antunes, 1994, p. 109; Castro 1995). Além de receber o salário como operário, ganhava presentes e gratificações como segundo salário. É ilustrativo por demais o caso de Tesourinha, um dos grandes jogadores do SC Internacional na década de 1940. Ao assinar seu primeiro contrato profissional por 200\$000 mensais e mais dois litros de leite e um quilo de carne diariamente, Tesourinha continuou no seu antigo emprego de artífice de armeiro na Brigada Militar (Ostermann, 1999, p. 46). Os jogadores não viviam da profissão do futebol exatamente porque não havia um campo futebolístico autônomo de outras esferas sociais.

Em 1933, a profissionalização finalmente ocorre. A partir daí constitui-se um novo e promissor mercado de trabalho no Brasil.¹ Os dirigentes esportivos agora têm o poder de tomar decisões e legislar sobre o futebol. É também nesse período que o jogador surge como um trabalhador que vive da carreira no futebol. As lutas e os conflitos pela definição legítima da prática futebolística podem ser entendidos como disputas por posições e imposições entre os defensores do amadorismo – “a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer” (Caldas, 1990, p. 59) – e a classe operária, adepta do profissionalismo, tentando institucionalizar o futebol como uma profissão. Essa oposição amadorismo/profissionalismo configura-se como um conflito de classes.

A autonomização do futebol, entendida aqui como a formação de um campo, consolida-se com o processo de profissionalização, momento no qual o futebol constitui uma esfera relativamente separada da economia; os jogadores-operários transformam-se em trabalhadores do futebol. Podemos até comparar o jogador com um artista, produtor de bens culturais, livres de outras preocupações materiais, pois sua profissão lhe garante emancipação financeira.

A organização do futebol agora deixa de ser negócio da elite política. Na realidade, deu-

se o mesmo com a esfera cultural, retratada por Bourdieu (1999). Consideramos que: (a) o futebol ganha um mercado produtor: os jogadores e empresários que organizam o espetáculo tornam-se profissionais que instituem normas e regras para gerenciar esse negócio como um ramo da indústria cultural, pertencente ao setor de serviços de entretenimento – multiplicam-se as instâncias de legitimação da prática futebolística (clubes, associações, confederações, ligas, federações) e de difusão do futebol (a imprensa); (b) emerge um mercado consumidor do produto futebol: os torcedores pagam para ver o espetáculo e compram os produtos que levam as marcas dos clubes (Rodrigues, 2003a, 2002a).

Com a produção do futebol para o mercado, o futebol amador restringe-se a determinados setores sociais. O elitismo também chega ao seu fim. A legitimidade do futebol parece derivar dos próprios organizadores, que ganham autonomia para criar normas, leis, decidir sobre regulamentos e competições, sem levar em conta fatores externos. O campo futebolístico ganha contornos externos, tornando-se cada vez mais diferenciado e autônomo socialmente.

3.2 Transformações na legislação do campo futebolístico brasileiro: atores, disputas e o fim do passe

O futebol brasileiro pode ser entendido como um subcampo do campo esportivo. Considerando a noção de campo de Bourdieu, entendemos que os principais atores (dotados de interesses em impor suas percepções, visões e padrões de classificação) do campo futebolístico brasileiro são as instituições reguladoras (Ministério dos Esportes, CBF, federações estaduais de futebol), clubes, empresários e jogadores. Abordaremos aqui brevemente as disputas, as lutas e os conflitos em torno do fim do passe no futebol brasileiro, descrevendo e analisando algumas posições dos atores envolvidos.

Da mesma forma que o estabelecimento do “bicho”² pelo Vasco da Gama em 1923 tor-

1. Para uma análise do processo de profissionalização do futebol no Brasil, ver RODRIGUES, F. X. F. A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002. Anais... Caxambu/MG, 2002.

2. Quantia em dinheiro paga aos jogadores como premiação por vitórias. É muito comum após a conquista de campeonatos. Para uma definição de “bicho”, com base na linguagem utilizada no início do século XX, ver Rosenfeld (1993).

nou a profissionalização inevitável (Caldas, 1990, p. 79-83), a Lei Pelé (Lei Pelé nº 9.615/98, modificada pela Lei Pelé nº 9.981/00) é o motor do novo cenário de transformações no futebol brasileiro, pois exige uma reestruturação aos moldes do futebol europeu, começando com a flexibilização das relações de trabalho, ou seja, com o fim do passe (Próni, 2000).

As transformações na legislação futebolística brasileira, nas últimas décadas do século XX, criaram condições para a emergência de uma configuração pós-moderna (Giulianotti, 2002) na organização e na produção do espetáculo futebolístico em nosso país. Ocorreu a liberalização nas transferências e nas relações de trabalho no futebol, algo indicador das mudanças no campo futebolístico brasileiro nos últimos anos. O fim do passe representa uma faceta do sistema de acumulação flexível no futebol, facilitando os contratos temporários e um rejuvenescimento da força de trabalho no futebol brasileiro. O que, em outras palavras, pode ser o encurtamento da vida útil do atleta (Rodrigues, 2003b, 2003c).

Dissemos em outro texto que “o discurso defensor da lei do passe mostra uma sintonia com o neoliberalismo, modelo no qual o mercado redefine as relações sociais de produção” (Rodrigues, 2003d, p. 89). Nesse sentido, é importante recuperar a opinião de Hélio Vianna, o vice-presidente do Conselho Deliberativo do Idesp, na época da entrada em vigor da Lei Pelé. Ele defendia que o fim do passe viria acabar com o paternalismo no futebol e modernizar as relações de trabalho e o sistema de transferências de jogadores.

Com a Lei, não vai ter mais clube vendendo jogador. Vai ser sempre como no caso do Ronaldinho. O jogador recebe proposta melhor, paga a multa e vai embora [...]. Não pode haver paternalismo. Esse projeto não é para proteger jogador. É para colocar o futebol na modernidade. [...], com os clubes-empresa, em um ano somem os Eurícos da vida. A relação vai ser profissional. É claro que um ou outro [jogador] vai assinar em branco. Mas depois aprende e não faz mais. [...] O mercado é sábio. Nele, os jogadores são trabalhadores normais. Sem as leis especiais, a categoria vai crescer e vai se conscientizar. Como em toda parte, quem

negociar melhor vai sair ganhando. (Próni, 2000, p. 200-1)

O discurso acima representa a posição e os interesses de um dos atores estratégicos envolvidos nas disputas e nos conflitos em torno da nova legislação futebolística brasileira. Percebe-se que determinados interesses estão em jogo nesse campo. A análise das disputas em torno do fim do passe e pelo estabelecimento dos novos critérios de contratação de jogadores e regulamentação do futebol brasileiro revela que o Estado, os clubes, os empresários e os jogadores de futebol defendem interesses divergentes.

A visão de um dirigente da área sobre as mudanças na legislação do futebol brasileiro revela o que pensa esse segmento. Vejamos o que diz o presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah:

A Lei Pelé trouxe benefícios para o futebol, mas há defeitos. A lei do passe, por exemplo. Não dá para os clubes investirem nos times se o jogador está regulado pela CLT. Como pagar adicional noturno, horas extras, periculosidade, por causa das viagens? É preciso uma legislação específica, voltada para o futebol e que permita, também, a definição de uma multa rescisória, para não prejudicar os clubes que investem milhões em um jogador que pode rescindir o contrato, pagar uma multa baixa, conforme a CLT, e ir embora. (Esporte S.A.!, 4 abr. 2000)

O dirigente, em defesa de interesses específicos, sugere alterações na legislação, tendo em vista evitar eventuais perdas (sobretudo financeiras) para os clubes com a formação de jogadores. Percebe-se, em seu discurso, a defesa de uma legislação especial para o futebol, pois considera que o futebol é uma modalidade esportiva transformada em atividade industrial de entretenimento que guarda muitas peculiaridades. Fica evidente aqui a idéia de autonomia relativa desse campo diante de outros, principalmente quando se trata da regulamentação das relações e condições de trabalho. José Farah sugere que a profissão de jogador de futebol não pode ser regulada pela CLT, pois é muito especial. Na verdade, outros interesses sustentam a posição do referido dirigente.

A opinião de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, sobre o fim do passe merece uma análise:

O fundamental é a liberdade de ir e vir de um profissional como em todas as profissões. Os dirigentes alegam que, perdendo a posse do jogador, os clubes irão à falência. Entretanto, no regime atual [o passe na havia sido extinto ainda], mesmo detendo os passes dos jogadores, o que vemos são os clubes brasileiros totalmente endividados. (O Globo, 29/12/96)

O Clube dos 13, uma organização dos grandes clubes brasileiros de futebol, tem manifestado interesse em mudar a legislação do futebol brasileiro, alegando que a liberalização das relações de trabalho no nosso mercado futebolístico contribuiu para provocar uma crise financeira nos clubes brasileiros. O presidente do Clube dos 13, Fabio Koff, manifestou preocupação com o crescente êxodo de jovens jogadores brasileiros para o exterior, considerando que o futebol no país tende a entrar na fase de "africanização", ou seja, o fenômeno de fuga e transferência de jovens atletas para o futebol europeu, alguns formados e outros em fase de formação profissional.

Os jogadores de futebol, na condição de atores sociais diretamente envolvidos e interessados na definição e imposição de um modelo de regulação das relações entre clubes, jogadores e empresários que seja o mais adequado neste momento de modernização do futebol em escala global, apresentam opiniões que oscilam entre os aspectos positivos e negativos do fim do passe. Vejamos alguns depoimentos dos atletas entrevistados.

[...] acho que a Lei do Passe é muito boa para quem já tem seu nome feito no mercado do futebol, porque ele vai ficar livre, vai para o time que quiser. Mas para jogadores do interior que não têm seu nome feito, que ainda não jogou em equipes boas, como a equipe do Inter, vai ser muito ruim porque eles não têm seu nome feito, então vão ter que correr atrás de clubes. Eu acho que para esses jogadores mais humildes, mais simples, vai ser muito ruim. (Atleta A)

Alguns atletas defendem uma perspectiva diferente da visão acima destacada:

Será melhor não só para o jogador, mas para o clube também, porque o jogador fica na obrigação de estar sempre bem, sempre trabalhando para que consiga sempre contrato, sempre clubes interessados e com certeza vai ser bom para o jogador e para o clube. Essa lei faz com que o jogador trabalhe e fique sempre em boas condições para que sempre tenha portas abertas e clubes interessados, porque pode ser que ele fique desempregado e esquecido do mercado. (Atleta, B)

Negativo, alguns jogadores ficam sem clube de futebol onde trabalhar. (Atleta, D)

Negativo, porque prejudica a maioria dos atletas e favorece apenas os grandes jogadores. (Atleta, E)

As diferenças entre as visões dos jogadores sobre as alterações na legislação do futebol brasileiro podem ser entendidas pelo fato de que os jogadores também ocupam posições sociais, técnicas e até políticas diferentes nos clubes de futebol e no sistema social como um todo. Aqui cabe lembrar o esquema analítico estrutural de Bourdieu para pensar o esporte. Existe relação entre as percepções e posições ocupadas pelos atores no campo esportivo e no sistema social. Os jogadores já consagrados no mercado futebolístico desfrutam de situações e posições mais privilegiadas, por isso tendem a expressar uma visão positiva das mudanças que estão surgindo. Já os jogadores iniciantes temem que as alterações no sistema de regulação da profissão de jogador de futebol sejam prejudiciais ao seu futuro. Portanto, as opiniões são muito heterogêneas, mesmo entre os profissionais do futebol.

Em suma, vimos que os dirigentes esportivos, os órgãos governamentais de regulação do futebol, os empresários e os jogadores de futebol apresentam interesses e visões distintas sobre o processo de mudanças na regulamentação do futebol brasileiro. Deve-se ter em mente que os atores sociais tendem a expressar concepções condizentes com seus interesses específicos e com suas posições ocupadas no campo futebolístico.

3.3 Habitus e futebol

O habitus pode ser entendido como

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro. (Miceli, 1999, p. XL)

O habitus (conjunto de esquemas de ação, percepção e avaliação) pode variar de acordo com cada classe social. Tal variação torna possível compreender por que as classes populares têm preferências esportivas distintas daquelas das classes dirigentes. Para alguns indivíduos, a prática esportiva serve para desenvolver a musculatura, a beleza e a elegância. Para outros, o esporte é lazer, saúde e compensação do cansaço do trabalho. Para as classes sociais abastadas, o esporte apresenta importante valor estético. Para alguns segmentos da sociedade, o esporte é profissão, por exemplo, os atletas profissionais.

Habitus designa as capacidades inventivas e criativas dos agentes sociais. Significa as disposições carregadas pelos atores nas suas trajetórias de vida, nos corpos, sendo também as estruturas estruturantes, incorporadas pelos agentes em cada campo da vida social. É a capacidade do indivíduo para atuar como agente da estrutura social, como criador e não apenas simples reproduzidor das estruturadas dadas (Bourdieu, 1996).

Entendemos a formação profissional do jogador como a construção de um determinado habitus. A formação do jogador de futebol consiste na incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir, técnicas e esquemas de jogo. A aprendizagem do jogador compreende um habitus, ou seja, um capital com o qual ele joga, toma decisões, classifica e constrói realidades. Os jogadores levam a estrutura do clube

a que pertence em suas trajetórias. Consciente ou inconscientemente, eles reproduzem a maneira e o estilo de jogar do clube formador, ou no qual estão atuando. Os treinamentos excessivos e as palestras permitem ao jogador incorporar um determinado padrão de jogo. Este é um dos argumentos básicos deste trabalho. O habitus futebolístico do SC Internacional resulta de uma formação teórico-prática recebida pelo jogador ao longo de sua trajetória no clube (Rodrigues, 2003a, p. 66).

É importante inserir a noção de conjuntura na análise da reprodução do habitus. Tal noção indica que o indivíduo é capaz de criar, inventar e modificar o habitus conforme o contexto e a situação social. Por exemplo, os jogadores, quando são contratados por outros clubes que têm estilos de jogo diferentes, tendem a mudar algumas formas de jogar futebol.

Como esquema de ação, o habitus permite a reprodução de estruturas inscritas na trajetória dos atores sociais. No entanto, permite também ajustamentos e inovações por parte dos indivíduos. Ele media as relações entre as estruturas objetivas e as práticas. Serve de interiorização e de exteriorização das estruturas. É nesse sentido que tentaremos perceber como os atletas incorporam o sistema de códigos, técnicas, habilidades ensinadas no clube (aprendem o estilo de jogar futebol de um determinado clube) e reproduzem esse estilo. Precisamos questionar em que condições isso se dá. É importante observar a margem individual, a inovação e a capacidade criativa do jogador na reprodução do habitus futebolístico. No caso, como se dá o processo de incorporação do habitus futebolístico e sua exteriorização. Trata-se de analisar a relação entre estrutura e práticas sociais, um velho debate sociológico.

Nossa tarefa como investigador é apreender a gênese do habitus futebolístico e compreender como os jogadores constroem e reproduzem esse habitus. Utilizando a perspectiva relacional, verificaremos as relações objetivas e subjetivas no processo de aprendizagem do futebol, observando os treinos físicos, técnicos, táticos e os condicionamentos psicológicos (Rodrigues, 2003a).

Devemos considerar que, no processo de construção do habitus, a mídia é um agente

importante. Tendo em vista que os meios de comunicação de massa participam da produção e veiculação do espetáculo esportivo, é válido salientar que a criação do “esporte telespetáculo” influencia na produção do habitus. Então, quando se busca entender a produção do habitus, o pesquisador social necessita questionar sobre como e em que medida a mídia influencia no habitus quando enfatiza demasiadamente a história dos ídolos. Como os “ídolos do esporte”, com suas vitórias e conquistas, interferem na construção do habitus dos espectadores?

3.4 O habitus futebolístico no Sport Club Internacional

Para compreendermos o habitus dos jogadores de futebol formados no SC Internacional, é necessário um breve esclarecimento acerca das peculiaridades do futebol do Rio Grande do Sul, ou seja, algumas notas sobre o contexto no qual se insere a escola de futebol do referido clube gaúcho.

Sabe-se que, historicamente, o futebol do Rio Grande do Sul tem sido caracterizado pela disposição de luta, aplicação tática, pelo futebol-força, pela marcação e pelo excessivo disciplinamento. É consenso entre os especialistas em futebol, sejam jornalistas (Ostermann, Falcão, Casagrande), sejam acadêmicos (Toledo, 2002; Damo, 2002; Leite Lopes, 1994; Rodrigues, 2003a) o fato de que o futebol gaúcho valoriza demasiadamente a preparação física e a aplicação tática. Portanto, a “escola gaúcha” de jogar futebol apresenta peculiaridades que a diferenciam das escolas “carioca”, “paulista” e “baiana” (Toledo, 2002). A valentia e a força são traços da identidade social gaúcha, atributos historicamente valorizados pelos gaúchos. Levando em conta o que foi dito acima, pode-se dizer que o futebol é também um excelente tema para discutir a identidade regional. Pois, no futebol de cada estado, região ou nação, inscrevem-se traços sociais típicos da identidade social e cultural. Na verdade, o futebol é um produto cultural que tem regras universais, mas recebe um banho do caldo cultural das diferentes regiões, estados e nações onde é praticado. Isso fica claro quando se fala em futebol alemão,

em futebol brasileiro e em futebol argentino como tipos distintos de praticar esse esporte.

Damo (2002) aponta algumas razões geográficas e culturais que podem contribuir para explicar o estilo gaúcho de jogar futebol, ressaltando ainda que se trata muito mais de um culto às tradições do que a forma como realmente os times do Sul jogam em campo. O isolamento geográfico do Rio Grande do Sul em relação aos outros estados brasileiros onde se pratica um futebol diferente, fundado mais na habilidade individual do que na preparação física e na aplicação tática, como Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia, deve ser levado em conta como variável explicativa das peculiaridades regionais. Além disso,

Outros fatores como o clima hostil – frio, chuvoso, etc. –, por extensão, os gramados enlameados do interior do estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isso teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro. (Damo, 2002, p. 132)

O autor argumenta que o tipo de clima do Rio Grande do Sul tem influência marcante na formação de um estilo de jogar futebol diferenciado do restante do país, sendo muito mais próximo dos padrões de jogo do futebol europeu e dos demais países latino-americanos. Concordamos com esse argumento, por acreditarmos que os fatores geográficos também incidem sobre o tipo de jogador produzido na escola do SC Internacional, mesmo sem se tratar de determinismo geográfico. Pois somos contra explicações monocausais baseadas no argumento do determinismo, seja ele geográfico, racial ou cultural. A idéia de considerar múltiplas influências causais é mais importante nas explicações sociológicas.

Os técnicos e os jogadores dos times gaúchos argumentam que para se obter sucesso no campeonato estadual, quando se referem aos clubes do interior, é necessária força, vontade e muita preparação física, pois os campos ruins do interior e as constantes chuvas são obstáculos à habilidade e ao jogo leve, técnico. Com isso, procuram justificar o primado pela força e

preparação física. A proximidade de países como Argentina, Uruguai e Paraguai é constantemente evocada pelos especialistas para explicar o estilo gaúcho de jogar futebol (Rodrigues, 2003a, p. 165-168).

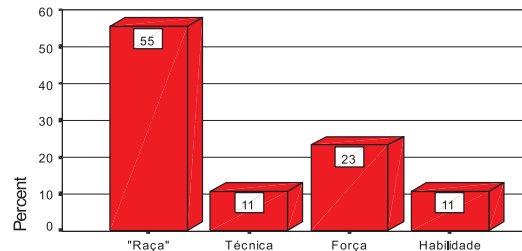
Entendemos que o estilo de jogo do SC Internacional pode ser analisado com base na noção de *habitus*. Em trabalho anterior,³ construímos um esquema na tentativa de apreender, pela análise histórica e entrevistas com jogadores, o padrão/modelo/estilo⁴ de jogo do SC Internacional. Consideramos que o estilo de jogar futebol desse clube é formado por sua história, tradição, identidade, suas práticas e representações de formas de jogar. Os esquemas táticos são colocados em prática somente quando os atletas os internalizam, incorporam-nos em seus corpos, tornando-os disposições e esquemas de ação. Sendo assim, sugerimos a tese de que os atletas incorporam um determinado *habitus*, ou seja, regras, normas, formas de ação, percepção e representações necessárias para atingir determinado fim, sendo elas orquestradas coletivamente, o que lembra o conceito de Bourdieu (1999). Com isso, argumentamos que algumas formas de jogo constituem um *habitus*, o qual é incorporado pelos atletas ao longo dos treinamentos (formação), durante a preparação física, nos ensinamentos táticos e exteriorizados nos jogos. De fato, o processo de formação do jogador de futebol constitui também a produção de um *habitus* típico de cada time de futebol. Esta é uma das conclusões do nosso já mencionado trabalho realizado no Mestrado em Sociologia na UFRGS. Os atletas são agentes da estrutura social (esquemas/estilo de jogo do clube) e criadores desta (Bourdieu, 1999).

Os gráficos 1 e 2 ilustram os principais traços que caracterizam o estilo de jogo do SC Internacional, ou seja, seu *habitus* futebolístico, tendo como base as entrevistas realizadas com os atletas.

Gráfico 1

Habitus Futebolístico do SC Inter - RS

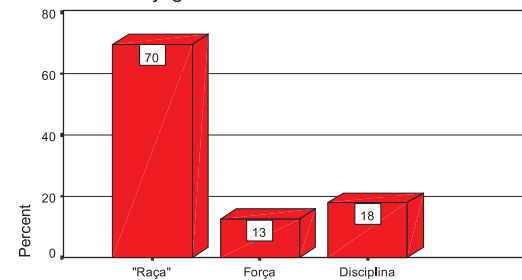
Traços que constituem o estilo do Inter-RS



Fonte: Rodrigues (2003)

Gráfico 2

Estilo do jogo do SC Internacional



Fonte: Rodrigues (2003)

Ao tentar definir esquematicamente um estilo de jogo e a identidade do SC Internacional, elaboramos algumas questões referentes aos aspectos que melhor caracterizam esse clube. Tais questões serão fundamentais quando tratarmos especificamente da construção de um *habitus* futebolístico típico do mais popular time gaúcho.

O Gráfico 1 apresenta quatro dos principais traços que constituem a identidade futebolística do SC Internacional. Valentia, força de vontade, disciplina, típicos da identidade gaúcha e, conseqüentemente, da escola gaúcha de futebol podem ser entendidas como "raça". Esta é o que melhor caracteriza o estilo do SC Internacional, segundo 55% dos entrevistados. Outros aspectos revelados pelo gráfico são condizentes com o que havíamos dito acima, sendo elementos que sintetizam o padrão de jogo do clube em estudo: força (23%), técnica (11%) e habilidade (11%) (Rodrigues, 2003a, p. 165-168).

Com o objetivo de sintetizar ainda mais essa mesma questão, organizamos o Gráfico 2. Os dois elementos que mais caracterizam o estilo

3. RODRIGUES, F. X. F. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 2003a (ver especialmente o capítulo 5).

4. Essas expressões são utilizadas aqui como sinônimos, designam a forma de jogar futebol no SC Internacional no caso analisado.

de jogo, a identidade e os esquemas de formação e trabalho do SC Internacional são “raça” (70%) e disciplina (18%).

Consideramos necessário definir o que se entende por “raça” e disciplina na sociologia do futebol. “Raça” é utilizada aqui no sentido de empenho, disposição para lutar, força de vontade, dedicação. Portanto, “raça” significa um pouco de paixão e empenho em campo para buscar a vitória. Esta paixão não é exatamente o amor à camisa nem a devoção ao clube. Mas “[...] se refere à disposição que todo jogador precisa ter para lutar o máximo possível pela vitória das ‘cores’, quaisquer que elas sejam” (Araújo, 1980, p. 51). Raçudo é aquele jogador que luta, é herói, joga mesmo contundido, arrisca sua forma física para jogar pelo seu time. “Raça” está ligada também à coragem. “Raça” pode se tornar violência quando levada ao extremo (Rodrigues, 2003a, p.167).

Disciplina significa obediência aos esquemas, aplicação técnica e tática, atender ao técnico e fazer o que foi ordenado. Trata-se basicamente da aplicação tática, do jogo em conjunto, no qual o grupo é maior do que o indivíduo. O coletivo sobrepõe-se ao individual. Disciplinamento também significa aprendizagem de técnicas futebolísticas por meio de diferentes tipos de treinamentos pelos quais passam os jogadores.

As transformações pelas quais está passando o mercado futebolístico brasileiro permitem perceber a emergência de um novo jogador de futebol, dotado de um habitus típico do futebol profissional, empresarial, burocrático. As mudanças no sistema de regulação das relações de trabalho no futebol europeu criaram condições para o advento de um jogador de futebol mais politizado, consciente de seus direitos e participativo. O crescimento nos índices de sindicalização dos jogadores na Europa e na Argentina indica que o jogador de futebol da era pós-moderna (Giulianotti, 2002, p. 9) é dotado de uma nova ética, um habitus profissional distinto dos comportamentos predominantes na época do associacionismo como padrão de organização dos clubes. Em nossa agenda de pesquisa consta a tentativa de apreender e analisar a construção desse novo habitus no

futebol brasileiro (novo jogador, novo tipo de empresário, de dirigente).

4 Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo descrever e definir o esquema analítico de Bourdieu como um dos principais paradigmas na sociologia do esporte. Realizamos um exercício analítico utilizando os conceitos de campo e habitus com base na investigação de casos concretos no futebol brasileiro.

Temos consciência de que a natureza deste trabalho não permite algo mais do que simples indicações gerais acerca dos temas e questões discutidos. As análises e interpretações elaboradas aqui são provisórias, não devem ser tomadas como conclusões, visto que nossa pretensão era fazer um simples exercício. Portanto, nossa reflexão deve ser entendida como indicações para trabalhos posteriores na sociologia do esporte.

Sintetizando, vimos que o esquema analítico de Bourdieu pode ser dividido em dois: funcional e estrutural. Em ambos, podem-se analisar as práticas e as modalidades esportivas como campos especiais e relativamente autônomos dos campos econômico, político, religioso e social. Entretanto, a perspectiva de Bourdieu sugere que há relações e associações entre o espaço social e o espaço do esporte, podendo haver homologia entre as posições ocupadas por determinados atores sociais em ambos os espaços. Não se trata de determinismo estrutural.

Vimos também que o paradigma de Bourdieu abre inúmeras possibilidades de análises na sociologia do esporte, incluindo uma variedade de temas. Os estilos de jogo, a profissionalização do jogador de futebol, o fim do passe, a modernização, a flexibilização das relações de trabalho no futebol, as disputas administrativas e organizacionais travadas nos clubes, federações e governo são alguns dos temas que podem ser investigados à luz da teoria de Bourdieu.

Em suma, podemos assegurar que a proposta analítica de Bourdieu para o esporte é um convite para pensar e investigar, de modo crítico, a economia, o Estado, a política e suas relações com o esporte, a cultura e a vida cotidiana. Trata-

se de fazer uma sociologia política do esporte e também uma sociologia política do futebol.

Abstract: The article describes, defines and points some analytical possibilities of the sociological theory of the sporting field founded in Bourdieu's sociology. Exposes the explanatory outline of the theory of the sporting field, proposing themes and possibilities of his use in the investigations of the sporting practices. Bourdieu's analytical outline becomes separated: functional and structural. In both it can be analyzed the practices and sporting modalities as special fields, relatively autonomous of the fields economical, political, religious person and social. Bourdieu's sociology identifies relationships and associations between the social space and the space of the sport, it points possible homologies among the busy positions for certain social actors in both spaces, even without structural determinism. Bourdieu's analytical proposal for the sport is an invitation to think and to investigate, in a critical way, the economy, the State, the politics and their relationships with the sport, the culture and the daily life.

Key words: Pierre Bourdieu; sociology of the sport; field, habitus.

Referências

- ACCARDO, A. An introduction to sociology: social conjuring. A reading of Bourdieu. Bordeaux: Mascaret, 1991.
- ACTES de la recherche en sciences sociales. L'espace des sports 1. (sept.): 79, 1989.
- ADORNO, T. Tiempo libre. Consignas. Buenos Aires: Editora Amorrortu, 1973.
- ANTUNES, F. O futebol nas fábricas. Revista USP, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. [Dossiê Futebol].
- ARAÚJO, R. B. de. Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
- BERTHELOT, J. M. Lês virtus de l'incertitude: lê travail de l'analyse dans lês sciences sociales. Paris: Presses Universitaires France, 1996.
- BOLTANSKI, L. As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectivas, 1999.
- _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. As regras da arte. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Jeux olympiques: programme pour une analyse. Actes de la recherche en sciences sociales. 103: 102-3, 1994.
- _____. Deporte y clase social. In: AA. VV. Materiales de sociología del deporte. Genealogía del poder/ 23. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1993.
- _____. Program for a Sociology of Sport. Sociology of Sport Journal, 1988, pp. 153-161.
- _____. Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: Ufes, 1997.
- _____. BROHM, J. M. Sociología política del deporte e la civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva. In: Deporte, cultura y represión. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- _____. Sociología política del deporte. México: FCE, 1982.
- CALDAS, W. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CASTRO, R. Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CLÉMENT, J. P. Contributions of the sociology of Pierre Bourdieu to the sociology of sport. Sociology of Sport Journal. n 12, 1995, 147-157.
- DAMO, A. S. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. [Coleção Academia].
- DEFrance, J. L'autonomisation du champ sportif: 1890-970. Sociologie et Sociétés. 27 (1), 1995, 15-31.
- FAURE, J. M. & SUAUD, C. Les enjeux du football. Actes de la recherche en sciences sociales. 103: 3-6, 1994.
- GIL, G. O drama do 'futebol-arte': o debate sobre a seleção nos anos 70. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, n. 25, ano 9, junho de 1994.
- GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HELAL, R. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- JANET, M. Sport in Society: between reason(s) and passion (s). Montreal: Harmattan, 1991.
- JANET, M. Sport in Society: between reason(s) and passion (s). Montreal: Harmattan, 1991.
- Jornal Esporte S.A.I., 04/04/2000.
- LEITE LOPES, S. J. & FAGUER, J. P. L'invention du style brésilien: sport, journalism et politique au Brésil.

Actes de la Recherche Sciences Sociales, École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 103, jun/1994, pp.27-35.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

O Globo, Esportes, 29/12/1996.

OSTERMANN, R. C. Meu coração é vermelho. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

PRONI, M. W. A metamorfose do futebol. Campinas: Unicamp/IE, 2000.

RODRIGUES, F. X. F. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). Porto Alegre, 2003a. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS/UFRGS.

_____. Clubes, empresários e jogadores de futebol: o fim do passe e as condições socioprofissionais do jogador de futebol no Brasil (2001-2004). Porto Alegre, 2003b. Projeto de Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGS/UFRGS. (Mimeo.).

_____. Pós-modernidade, mercado e a mobilidade do jogador de futebol: um estudo empírico sobre os impactos do fim do passe no futebol gaúcho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA E CONHECIMENTO: ALÉM DAS FRONTEIRAS, 11, 2003c. Anais... Campinas: SBS, setembro 2003c.

_____. A sociologia do trabalho e a sociologia do futebol: uma análise da flexibilização das relações de trabalho no futebol brasileiro (2001-2003). Sociedade e Cultura, v. 6, n. 1, jan/jun. 2003d.

_____. Futebol e teoria social: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro. Ciências Sociais Unisinos, Unisinos, São Leopoldo-RS, n. 160, v. 38, jan/jun 2002a.

_____. A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, 2002. Anais... Caxambu/MG, 2002b.

ROSENFELD, A. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993.

TOLEDO, L. H. de. Lógicas no futebol. São Paulo: Hucitec/Fapes, 2002.

VAUGRAND, H. Pierre Bourdieu and Jean-Marie Brohm: their schemes of intelligibility and issues towards a theory of knowledge in the sociology of sport. International Review for the Sociology of Sport. 36/2 (2001) 183-201.

VINNAI, G. El fútbol como ideología. Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 1978.

WACQUANT, L. J. D. Respuestas a la una antropología reflexiva. Grigalbo, México, 1995.